

Passou um gato sobre este teclado

Maria Leonor Barbosa Soares

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Ilustrações de Evelina Oliveira



Eu sou a Mel, uma gata cinzenta de pelo comprido, leve e macio. Tenho uma cauda felpuda que desenha arabescos no ar quando caminho e que gosto de mover como um leque quando descanso. Não, não sou persa... estou até tentada a acreditar que descendo de gatos aventureiros e errantes, pelo lado da minha mãe, e de gatos de rua esquivos com morada fixa num velho telhado, pelo lado do meu pai - todos, sem dúvida, matreiros.

Vivo num andar muito alto de um prédio ainda mais alto numa zona elevada de uma cidade que se inclina para um rio e para o mar. Isto quer dizer que qualquer janela desta casa é muito atraente mas nada tranquilizante! Os motivos de alegria e de irritação sucedem-se do lado de lá do vidro, como podes imaginar. Por exemplo, consigo seguir com o olhar o voo dos pássaros até muito longe mas... raramente algum se aproxima da minha janela porque a maioria voa lá em baixo. Vislumbro coisas interessantes lá fora mas... não tenho maneira de sair daqui! E os insetos? É uma pena... só cá chegam melgas.

Comigo vive uma professora, a Maria Clara. Passa imenso tempo a ler e a escrever. A sua escrivaninha está colocada junto a uma janela e sobre ela amontoam-se pilhas de livros, um computador e uma impressora – tudo coisas que me agradam bastante... Costumo andar por ali enquanto ela trabalha, livro acima, livro abaixo; de vez em quando, deito-me no parapeito observando os pássaros, como te disse, ou encosto-me à tampa do computador e dormito um pouco. Fazemos companhia uma à outra, durante horas, em silêncio. Olhando a imensa cidade, divagamos com os olhos semisserrados. A janela pode servir de moldura para muitos devaneios de gatos e de gente, percebes?

O computador da Maria Clara está quase sempre ligado. Eu gosto daquele computador! É quentinho e faz um ruído baixo, bom para cochilar, acompanhado de uma vibração suave que me acaricia o lombo...



Com frequência, deito-me atrás do ecrã inclinado quando ela está a escrever. Sinto-me aí quente e protegida. Mas nem imaginas como gosto de passear do outro lado e sentir as teclas baixar e subir sob as minhas patas! Logo ouço gritos: “Ai, Ai, Ai! Mel! O meu trabalho! E agora?” Outras vezes, o tom é diferente, divertido e cúmplice: “Aqui há mesmo gato! Passeou um por este teclado, vê-se logo! Hum, hum, hum!”

Quando trabalha, a Maria Clara olha longamente para o ecrã, depois olha pensativa através da janela, de novo se concentra no ecrã. Começa, então, a bater com os dedos nas teclas, tsch, tsch, tsch, muito depressa... para, olha para a janela... e as horas vão passando assim. As teclas deste computador fazem ruídos mais suaves e interessantes do que as do outro, o mais antigo, que faziam um pic, pic, pic seco e afiado. Eu delicio-me com as variações mais ou menos fortes do tsch, tsch, tsch - depende das teclas, até já as sei distinguir - mas, na minha opinião, isso não faz esquecer um grande defeito: este computador não está sempre no mesmo sítio.

De vez em quando... até nem está em casa! O antigo estava sempre ali, ronronante, morno e acolhedor. Eu gosto de coisas que estejam onde eu espero encontrá-las, sabes? Ele era seguro como um caixote e muito confortável... Que saudades!

De qualquer modo, constante e fascinante... é a impressora! Aquele tssssssssss tsssss tsssss tssssss tssssssssss em cadência, o estremecimento miudinho, a folhinha que vai fazendo aparecer...dão cabo de mim! Tenho até um sonho frequente, muito empolgante, no qual me vejo quase a voar sobre filas de impressoras que dançam numa sala enorme e atiram folhas de papel em todas as direções enquanto fazem os seus tssssss tssssss tssssssss ritmados! Que bom seria se fosse verdade! Que bom seria! Na realidade, a Maria Clara fica contrariada quando tento parar as folhinhas com a minha pata e tira-me logo dali. Posso titubear um miahahaaau tremendo o maxilar, arredondar o olhar para ela ... nada a demove.

Num destes dias de verão, em que tudo acontecia como no anterior, tranquilamente, com sonos entremeando outros sonos sobre um livro aqui ou um caderno acolá, ouvi a Maria Clara falar ao telefone com uma amiga. Percebi que essa amiga se encontrava longe, em férias. Comentava que as tardes lhe pareciam passar estranhamente devagar, tão devagar como só as tardes da sua infância... o que sendo agradável, a deixava, por vezes, sem saber o que fazer.

“Que bom! Que sorte que tu tens por sentir isso!” retorquia entusiasmada a Maria Clara. “Olha, escreve-me uma carta, uma carta a sério, anda lá!... Estou cansada de mensagens rápidas por e-mail. Uma carta a contar-me o que te apetecer... à moda antiga, está bem? Sem abreviaturas, com a tua própria pontuação e com o teu estilo... Agora tens tempo para escrever...” – pediu a Maria Clara e prolongou a conversa sobre o tema da redação de cartas. Atendendo ao seu alvoroço, era um assunto que a interessava mesmo a sério e sobre o qual falava poucas vezes. Depois de desligar o telefone, a Maria Clara continuou a pensar alto, dirigindo-se a mim:

“Sabes, Mel, antigamente não havia e-mail e as pessoas escreviam cartas umas às outras para contarem as mais variadas coisas. As cartas demoravam muito tempo a chegar ao destino, por isso, o que uma pessoa escrevia num dia só seria lido

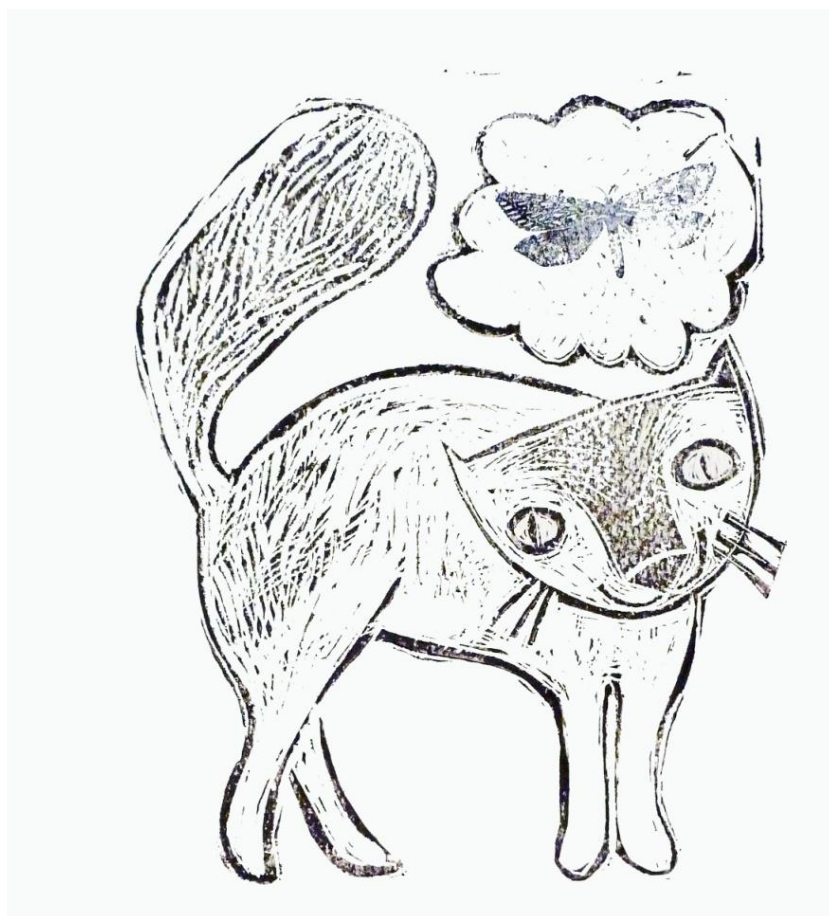
dias mais tarde pelo destinatário, às vezes, mesmo muitos dias depois. Eram, normalmente escritas com cuidado, escolhendo com rigor as palavras, corrigindo e melhorando até à perfeição... uma carta dizia muito do autor através da caligrafia, das palavras utilizadas, da organização do texto, percebes? ”

A Maria Clara, sorriu para mim, um pouco corada, fazendo um trejeito com a cabeça como a desculpar-se por o assunto não ser do meu interesse. Como são engraçados, os humanos, tão tímidos e inseguros, às vezes! Abriu, então, uma gaveta e pegou numa folha de papel diferente das que usa habitualmente. “A minha caneta... onde a terei metido?” Remexeu mais outra gaveta e tirou de lá um estojozinho. “Cá está!” Sorriu, pegou numa caneta verde e preta que eu nunca tinha visto e começou a escrever, visivelmente com mais lentidão e cuidado do que o costume. Devo dizer que o som daquela caneta sobre o papel era muito especial: arranhava um pouquinho, sem arrepiar, alternando uns toques mais ásperos czz, czzu, chzz com outros mais deslizantes zzi, izz, ziis... Eu podia perceber quando ela usava mais ou menos força e havia mais ou menos firmeza no seu gesto. Fiquei a observar a mão da Maria Clara ora passeando para lá e para cá, ora parando, ligeiramente erguida, o pulso inclinado de um certo modo que achei bastante elegante. As expressões do seu rosto iam mudando à medida que as linhas de caligrafia preenchiam a página. Estava, sem dúvida, mais emocionada do que quando, minutos atrás, escrevia no teclado do computador.

Nós, os gatos, gostamos de tudo muito bem feito, requintado, cuidado em todos os pormenores. E, a verdade, é que aquela cena tinha um encanto muito especial! É difícil para um gato compreender a pressa e a agitação dos humanos... por isso, quando estão calmos, entregues aos seus pensamentos e sonhos, sem os nervos à flor da pele, nós entregamo-nos completamente ao prazer da sua companhia, enroscados nesse momento doce... e, como foi assim, e eu estava feliz, desejei intensamente que a Maria Clara compreendesse uma ideia que me ocorreu. Dei uma torrinha no seu braço enquanto pensava: “Os humanos sabem escrever mas não têm tempo... Os gatos têm imenso tempo mas não sabem escrever. Eu, por exemplo, tenho manhãs imensas e tardes sem fim, cheias de histórias e ideias... E se

arranjássemos uma maneira de equilibrar isto? Que tal: eu penso muito, com toda a calma, e tu escreves com toda a rapidez?” Equilíbrio é assunto de gatos, não é?

Pois bem, planejar uma ação também é assunto de gatos. Nunca viste um de nós ensaiar mentalmente um salto? Com os olhos fixos no alvo, medimos as distâncias uma e outra vez, ponderamos o impulso balançando o corpo para cá e para lá, determinamos a força necessária e... aí vamos nós, absolutamente certos! Ora, como por certo te lembras, eu disse-te que descendo de gatos matreiros... Estendi-me sobre a secretária, dei uma voltinha de modo a ficar um pouco de barriga para cima – os humanos ficam enternecidíssimos quando nos veem assim – inclinei a cabeça para a Maria Clara, semicerrei os olhos, passei a pata pelo focinho, estiquei-a até tocar-lhe na mão... “Será que me podes entender?”



Lembrei-me que a Maria Clara, quando está cansada, por vezes se deita ao meu lado no chão. Pega na minha pata e diz: “Aqui estamos nós de pata dada, não é Mel?” De facto, não costumo ter paciência para estar de pata dada e só aguento permanecer assim quieta um bocadinho. No que se refere a disponibilidade para mimos, nós também somos diferentes dos humanos, sabes? Quando um gato pede mimos, um humano entenece-se, acha logo que é uma grande oportunidade de comunicação (falo daqueles que gostam de gatos, claro) e faz tanta festa que até chega a ser demais... Um gato nunca faz meiguices por lhe pedirem mas apenas no momento em que lhe apetece e na justa medida que acha interessante e... lá vai! Não se trata de não gostar de mimos: claro que gosta! Mas... tédio, não! Explico-te tudo isto porque eu quis chamar a atenção da Maria Clara e fazê-la compreender a minha ideia - o que era mesmo muito difícil, quase impossível, diria até, se não fôssemos tão amigas - e, para isso, usei todas as estratégias... até a da pata dada!

“Mel, que querida! ...O que é? ...Oh! Tão meiguinha... o que se passa? A caneta está a interessar-te, é? Que linda, a pôr a patinha na minha mão!...”

Tempo também é assunto de gatos, certo? Se a Maria Clara me perceber eu poderei explicar, em formato de uma longa carta ou de uma história, como o tempo dos gatos é diferente do dos humanos... E como nós temos sempre o tempo que precisamos para tudo o que nos propomos fazer e, ainda, para deixar acontecer o que vier a propósito, falarei também do tempo obediente dos cães, do tempo apaixonado das borboletas ... do tempo atarefado das aranhas... do tempo irrequieto dos pardais...

“Que gata pensativa...Hum, hum... O que te vai na cabeça, bichaninha? Deixa-me imaginar... Olha, vou escrever uma história... espera...já sei! Vais ser tu a narradora, que tal? Ora bem, vai começar assim:

Eu sou a Mel, uma gata cinzenta de pelo comprido, leve e macio. Tenho.....”